

## BULLYING ESCOLAR E SEUS IMPACTOS NA APRENDIZAGEM E SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES<sup>1</sup>

### SCHOOL BULLYING AND ITS IMPACTS ON STUDENTS' LEARNING PROCESS AND MENTAL HEALTH

Amanda de Souza Tedesque<sup>i</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa o fenômeno do bullying no ambiente escolar, com foco em seus impactos na aprendizagem e na saúde mental de crianças e adolescentes. A pesquisa foi conduzida por meio de abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com três psicólogas atuantes em escolas públicas e privadas do município de Sinop, Mato Grosso. O referencial teórico fundamentou-se em autores como Dan Olweus, Cleo Fante, Maria Cecília de Souza Minayo e Aramis Augusto Lopes Neto. Os resultados evidenciam consequências significativas, incluindo baixa autoestima, ansiedade, isolamento social e evasão escolar. Conclui-se que a prevenção e o enfrentamento do bullying exigem atuação conjunta da escola, da família e dos profissionais da saúde.

**Palavras-chave:** *Bullying*. Aprendizagem. Saúde mental. Ambiente escolar.

**ABSTRACT<sup>2</sup>:** This article analyzes the bullying phenomenon in the school environment, focusing on its impacts on the learning and mental health of children and teenagers. The research was conducted through a qualitative approach and the use of semi-structured interviews with three psychologists working in public and private schools in Sinop city, Mato Grosso State. The theoretical foundation was grounded in authors like Dan Olweus, Cleo Fante,

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “BULLYING ESCOLAR E SEUS IMPACTOS NA APRENDIZAGEM E SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES”, sob a orientação da Profa. Me. Elizângela Gomes dos Santos Siebiger - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2025/2.

<sup>2</sup> Resumo traduzido por Professora Mestra Betsemens Barboza de Sousa. Graduação em Letras Português/Inglês pela UNEMAT Câmpus de Sinop(2013). Mestrado em Estudos Linguísticos pela UFMT Cuiabá (2015). Doutoranda em Letras pelo PPGLetras da UNEMAT Câmpus de Sinop (2025). <http://lattes.cnpq.br/5302438508837994>; [teacherbettybarboza@gmail.com](mailto:teacherbettybarboza@gmail.com).

Maria Cecília de Souza Minayo and Aramis Augusto Lopes Neto. The results reveal significant consequences, including low self-esteem, anxiety, social isolation, and school dropout. The conclusion is that preventing and addressing bullying requires joint action by schools, families, and health professionals.

Keywords: Bullying. Learning. Mental Health. School Enviro.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o bullying deixou de ser visto como “zoeira de adolescente” para finalmente ser reconhecido como uma forma de violência psicológica, emocional e social que tem impacto direto na aprendizagem, no desenvolvimento e no bem-estar de crianças e adolescentes. E apesar do tema ter virado pauta de inúmeras pesquisas, reportagens, políticas educacionais e até legislação a escola real continua sendo palco diário de exclusão, intimidação, humilhação e dor silenciosa.

O que acontece dentro dos corredores, nos grupos de WhatsApp, no recreio, na sala de aula e até nos comentários de redes sociais dos estudantes, influência não só o comportamento momentâneo, mas a formação integral desses sujeitos. Em resumo: bullying não “passa”. Ele marca. Ele molda. Ele fere. Ele interfere na vida escolar e muito.

E quando a gente recorta especificamente o ciclo dos 11 aos 14 anos esse cenário se intensifica. É exatamente nessa janela de desenvolvimento que o aluno está transitando da infância para a adolescência. É o momento em que ele começa a refinar identidade, experimentar pertencimento social, buscar reconhecimento e construir suas primeiras referências do que é aceitação, rejeição, valor próprio e lugar no grupo. Isso significa que uma agressão, um apelido maldoso, uma exclusão repetitiva ou uma ridicularização viralizada dentro da escola não é “só mais um episódio”: é um ataque direto à autoimagem em construção. E se a mente implode, a aprendizagem desmorona junto.

Pesquisas nacionais e internacionais (IBGE, PeNSE, Olweus, Fante, entre outras) apontam que essa forma de violência está diretamente relacionada à ausência escolar, queda no rendimento, isolamento social, evasão, ansiedade, depressão e desmotivação crônica. Em outras palavras, o bullying compromete o ambiente escolar justamente onde ele deveria promover desenvolvimento. A sala de aula deixa de ser um espaço de aprendizagem e passa a ser percebida como um espaço de ameaça. Assim, a criança deixa de “vir para aprender” e passa a “vir para sobreviver emocionalmente ao ambiente”. Trata-se de uma situação gravíssima e muito mais comum do que parece.

E quanto mais negligenciado esse processo, mais permanente ele se torna. Crianças que normalizam o bullying como rotina de vida crescem com cicatrizes emocionais que muitas vezes resultam em bloqueios sociais, relações afetivas frágeis, inseguranças profundas, dificuldade de estabelecer confiança e, em casos mais extremos, comportamentos autodestrutivos. A escola, quando falha em intervir cedo, está na prática validando a violência como método de socialização e isso é um dano geracional.

Por isso, investigar o bullying não é apenas fazer um retrato momentâneo: é produzir reflexão urgente sobre como prevenir, acolher, intervir e construir ambientes escolares emocionalmente seguros. Analisar esse fenômeno significa encarar que o sucesso escolar não depende apenas de boas metodologias de ensino, mas também de vínculos saudáveis, escuta qualificada, cultura de respeito e políticas institucionais que reconheçam a importância não só do professor, mas também dos psicólogos e demais profissionais da saúde dentro da escola. A presença desses profissionais já não pode mais ser encarada como “extra” é necessidade mínima para que educação aconteça com integridade.

Assim, este artigo discute o bullying escolar na faixa etária de 11 a 14 anos, com foco nos seus impactos emocionais e cognitivos no processo de aprendizagem, considerando a relevância da atuação de psicólogos escolares e a responsabilidade conjunta de escola, família e comunidade. Porque, no fim, quando se fala de educação, não basta ensinar conteúdo: é preciso proteger a mente que aprende.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O termo bullying foi originalmente sistematizado pelo psicólogo Dan Olweus (1973, 1993) como uma modalidade específica de violência entre pares que ocorre de forma intencional, repetitiva e em contexto de desequilíbrio de poder. Ou seja: não é conflito “igual para igual”. É agressão direcionada, onde a vítima tem dificuldade de se defender. Esse desequilíbrio pode ser social, emocional, físico ou até simbólico. Esse autor já afirmava que o bullying não só afeta emocionalmente a vítima, mas altera diretamente sua relação com o ambiente escolar, interferindo no engajamento e no processo cognitivo.

Autores como Fante (2005), Constantini (2004, 2005), Lopes Neto (2005) e Fonseca (2024) reforçam que o bullying não pode ser tratado como simples “brincadeira de criança”, porque suas consequências não são pontuais são estruturantes. A vítima internaliza a agressão e, com o tempo, passa a enxergar a si mesma a partir do olhar do agressor. Isso significa que o bullying não opera apenas no plano do fato ele opera no plano da construção de identidade e autoimagem. E ao afetar identidade, afeta aprendizagem porque o emocional é o filtro do cognitivo.

Outro elemento chave é que o bullying não acontece só pela ação direta de um agressor. Pereira (2002) e Constantini (2005) mostram que existem papéis que se distribuem socialmente: agressor, vítima passiva, vítima provocativa e testemunhas silenciosas. Essas testemunhas são um ponto crítico: quando o grupo assiste, mas não intervém, ele naturaliza e valida a violência, criando o que Olweus (1993) chama de “clima social permissivo”. Bullying só se sustenta porque o ambiente mesmo calado também o alimenta.

No contexto da aprendizagem, Martins (2005) destaca que comportamentos agressivos repetidos impactam diretamente desempenho escolar porque afetam concentração, autoeficácia, desenvolvimento emocional e participação social. A criança deixa de se sentir segura para se expor cognitivamente. E sem exposição não há construção de conhecimento. Em outras palavras: quando o

aluno passa a gastar energia para “sobreviver” dentro da sala, ele para de ter energia para aprender na sala.

Além disso, Malta et al. (2010) reforçam que a escola deixou há muito tempo de ser automaticamente um espaço simbólico de proteção. Hoje, muitas instituições são o próprio palco da violência simbólica, e isso exige não apenas observação, mas intervenção técnica. E aí entra um ponto decisivo: não é só professor. A Psicologia escolar se torna eixo de cuidado.

A Lei 13.935/2019 reconhece isso ao tornar obrigatória a presença de psicólogos nas redes públicas, exatamente porque o sofrimento emocional tem efeito pedagógico, e não coadjuvante.

Por fim, Vygotsky (1991) ajuda a ampliar esse debate: desenvolvimento humano é essencialmente social. Não existe cognição isolada. Sujeito aprende nas relações e pelas relações. Logo, se a relação é violenta, o desenvolvimento sofre. Se o convívio é hostil, a aprendizagem trava. E se a violência é normalizada, então a escola deixa de ser espaço de desenvolvimento, e passa a ser espaço de ameaça. bullying não é fenômeno individual é fenômeno social, e toda violência que atinge o emocional, atinge também o cognitivo, violência na subjetividade gera déficit na aprendizagem.

### 3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, considerando que o fenômeno investigado o bullying e seus impactos emocionais nos alunos, exige interpretação de significados, percepções e vivências subjetivas e não simples mensuração numérica. A metodologia qualitativa permite compreender a experiência humana em profundidade, como já apontado por Minayo (2001), quando afirma que essa abordagem se dedica ao “mundo dos significados”.

O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa de campo com psicólogas atuantes na área educacional, no município de Sinop/MT. Participaram três profissionais, com idades entre 23 e 36 anos, sendo duas vinculadas a escolas públicas e uma atuante em clínica privada com histórico prévio de atuação escolar. As entrevistas ocorreram entre os dias 07 e 14 de novembro de 2024.

A técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada, permitindo que as participantes tivessem liberdade de fala, enquanto a pesquisadora mantinha um roteiro-base previamente elaborado. Conforme Triviños (1987), esse formato permite amplitude discursiva, favorecendo aprofundamento e espontaneidade, mantendo ao tempo o foco temático.

As entrevistas foram realizadas tanto presencialmente quanto remotamente (Google Meet), mediante autorização para gravação. Posteriormente, o conteúdo foi transcrito integralmente, organizado e analisado para identificação de núcleos de sentido, agrupamento de categorias e interpretação das recorrências.

Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo ética, confidencialidade e sigilo, conforme previsto em pesquisas envolvendo seres humanos. Para preservar identidade, as profissionais foram identificadas como Psicóloga 1, Psicóloga 2 e Psicóloga 3.

Assim, a escolha da abordagem qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas permitiu acessar o olhar profissional de especialistas diretamente envolvidos na realidade escolar, produzindo dados alinhados ao objetivo central deste estudo: compreender como o bullying interfere no desempenho emocional e acadêmico de crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas revelaram que o bullying é um problema recorrente nas escolas e se manifesta de diferentes formas, como verbal, psicológica e virtual. As psicólogas destacaram que, embora muitas situações sejam tratadas como brincadeiras, os efeitos sobre as vítimas são profundos e duradouros, refletindo-se no desempenho escolar e na autoestima. Relatos de humilhações frequentes, apelidos pejorativos e isolamento social foram mencionados como fatores que intensificam o sofrimento emocional dos estudantes. Segundo as entrevistadas, o medo e o isolamento comprometem diretamente a concentração e o interesse pelas atividades pedagógicas, criando um ciclo em que a violência sofrida se transforma em desmotivação e, consequentemente, queda no rendimento escolar.

O discurso das psicólogas evidencia que a escola ainda enfrenta dificuldades em lidar com o bullying de maneira sistemática. Muitas vezes, as instituições carecem de protocolos claros de prevenção e de acompanhamento das vítimas, o que faz com que as ações desenvolvidas sejam pontuais e reativas, e não preventivas.

A ausência de formações continuadas voltadas à gestão de conflitos, aliada à sobrecarga docente, dificulta a identificação precoce dos casos e a intervenção adequada. As profissionais mencionam ainda que determinados professores, por desconhecimento ou falta de preparo, tendem a minimizar algumas situações. Esses atos reforçam as reflexões de Cleo Fante, que defende a necessidade de políticas educacionais consistentes e de programas permanentes de conscientização, capazes de sensibilizar toda a comunidade escolar sobre a gravidade do problema.

Além disso, foi possível observar que muitas escolas lidam com o bullying apenas quando a situação atinge níveis extremos, como crises emocionais, agressões físicas ou evasão escolar. Para as psicólogas, isso demonstra uma ausência de cultura institucional baseada no cuidado, no diálogo e no monitoramento contínuo das relações entre os estudantes. A falta de espaço para escuta ativa, seja por meio de rodas de conversa, tutoria ou acompanhamento individual, impede que as vítimas se sintam seguras para relatar episódios de violência. Assim, o bullying se mantém muitas vezes invisível, silencioso e persistente.

A presença do psicólogo escolar foi considerada pelas entrevistadas como essencial para o enfrentamento do problema. As profissionais relataram que o atendimento psicológico permite identificar os fatores emocionais associados às agressões e orientar tanto as vítimas quanto os agressores. Essa atuação interdisciplinar, articulada ao trabalho pedagógico, possibilita construir um ambiente mais empático e cooperativo.

Segundo as psicólogas participantes da pesquisa, quando a escola dispõe de um profissional capacitado para realizar escutas qualificadas e intervenções planejadas, torna-se possível compreender

o contexto individual de cada estudante e atuar de forma preventiva, e não apenas corretiva. Esse entendimento dialoga com as concepções de Paulo Freire, que valoriza o diálogo, a humanização das relações e a construção coletiva de soluções no contexto educativo. Assim, a prática psicológica dentro da escola não se limita ao atendimento clínico, mas se estende à promoção de um clima institucional saudável.

Um dos pontos mais destacados nas falas foi o papel da família no combate ao bullying. As psicólogas afirmaram que a ausência de diálogo e a exposição a comportamentos violentos no ambiente doméstico tendem a reforçar atitudes agressivas entre os alunos. Quando os responsáveis negligenciam sinais de sofrimento ou, ainda, reproduzem discursos que legitimam a violência (“tem que aprender a se defender”, “bullying é normal”), tornam-se cúmplices involuntários da perpetuação desse fenômeno. Essa constatação dialoga com as ideias de Maria Cecília Minayo, para quem a violência escolar reflete tensões e desigualdades sociais presentes no contexto familiar e comunitário.

Dessa forma, ações preventivas que não incluam a família tendem a ser superficiais e pouco eficazes. As entrevistadas reforçam que reuniões, oficinas e campanhas educativas voltadas aos pais são indispensáveis para promover uma mudança cultural que valorize o respeito e a empatia.

Em relação à aprendizagem, observou-se que os estudantes vítimas de bullying apresentam queda significativa no rendimento escolar, dificuldade de concentração e resistência em participar de atividades coletivas. Muitos passam a evitar a escola, faltam com frequência e demonstram desinteresse por tarefas que antes realizavam com facilidade. Esses resultados confirmam as teorias de Lev Vygotsky, segundo as quais o processo de aprendizagem é fortemente influenciado pelas interações sociais. Para o autor, o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da troca, da cooperação e da participação em atividades mediadas. Assim, o rompimento desse convívio provocado pelo medo, pela exclusão ou pela vergonha compromete profundamente a formação intelectual e emocional do sujeito. Quando o estudante se sente ameaçado, sua energia acaba sendo direcionada para a autoproteção, e não para a assimilação de novos conteúdos.

Outro aspecto mencionado pelas entrevistadas é que os agressores também apresentam prejuízos em seu desenvolvimento. Segundo as psicólogas, muitos exibem dificuldades de empatia, impulsividade e baixa tolerância à frustração. Sem acompanhamento adequado, essas características podem se intensificar ao longo do tempo, contribuindo para a naturalização de comportamentos violentos e prejudicando tanto sua convivência escolar quanto futura inserção social. Portanto, o bullying não afeta apenas as vítimas, ele compromete o ambiente escolar como um todo e a formação ética dos estudantes.

Por fim, constatou-se que escolas que implementam projetos de convivência, rodas de conversa, práticas restaurativas e programas de mediação de conflitos apresentaram melhora significativa no clima escolar e redução dos casos de violência. Essas ações fortalecem vínculos, favorecem o diálogo e permitem que os estudantes se reconheçam como parte de uma comunidade. Tais experiências demonstram que a prevenção ao bullying exige continuidade, monitoramento e integração entre os diferentes setores da instituição. Os resultados reforçam a perspectiva de que a educação deve ser compreendida como uma prática social transformadora, pautada na empatia, no respeito à diversidade e no fortalecimento de relações saudáveis.



Dessa forma, a análise dos resultados permite afirmar que o enfrentamento do bullying requer ações contínuas e integradas entre professores, gestores, psicólogos e famílias, sustentadas em uma pedagogia humanizadora e participativa. Apenas por meio de práticas que promovam o diálogo, a escuta ativa e o acolhimento será possível construir um ambiente escolar mais seguro, democrático e inclusivo, capaz de atender às necessidades emocionais e educativas de todos os estudantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento da pesquisa, alguns desafios se apresentaram, principalmente no que diz respeito à delimitação do recorte e à obtenção de depoimentos mais aprofundados das participantes. No início da investigação, houve certa dificuldade em estabelecer com precisão quais aspectos do bullying seriam priorizados na análise, uma vez que o fenômeno se manifesta de forma ampla e perpassa diferentes dimensões da vida escolar. A necessidade de definir um foco mais específico exigiu revisões no planejamento inicial e reflexões constantes acerca dos limites e possibilidades metodológicas da pesquisa.

Além disso, a coleta de dados também apresentou obstáculos. Algumas participantes demonstraram receio em relatar situações mais delicadas vivenciadas em suas práticas profissionais, o que tornou o processo de escuta mais cuidadoso e sensível. Em determinados momentos, foi necessário ajustar o roteiro das entrevistas para ampliar a compreensão das estratégias institucionais de combate ao bullying e, ao mesmo tempo, garantir um ambiente de confiança que permitisse às profissionais expressarem suas percepções com maior profundidade. Tais adaptações, embora não previstas inicialmente, contribuíram positivamente para o enriquecimento da análise, oferecendo um panorama mais completo sobre a dinâmica escolar e sobre os desafios enfrentados na atuação cotidiana.

Essas modificações metodológicas, longe de comprometerem o rigor da pesquisa, permitiram uma aproximação mais humanizada com o campo estudado. A experiência demonstrou que investigações envolvendo temas sensíveis, como violência escolar, exigem flexibilidade e abertura para redirecionamentos, tendo em vista que a realidade educacional é marcada por complexidades que nem sempre podem ser capturadas por instrumentos previamente estruturados. Assim, o processo de adaptação revelou-se essencial para a construção de um olhar mais sensível sobre a prática profissional nas escolas e para o aprofundamento das discussões apresentadas ao longo do estudo.

Além dos achados discutidos, a experiência com a pesquisa proporcionou reflexões relevantes sobre a importância de políticas educacionais contínuas voltadas à saúde mental no ambiente escolar. A vivência das psicólogas entrevistadas revelou que a prevenção do bullying exige o envolvimento de toda a comunidade escolar, incluindo gestores, professores, famílias e demais profissionais que compõem o cotidiano escolar. As entrevistadas enfatizaram que, sem uma formação permanente voltada à gestão emocional, ao reconhecimento de comportamentos de risco e à promoção de uma cultura de paz, as intervenções tendem a ser superficiais e pouco efetivas.

Essa compreensão reforça a necessidade de que as escolas desenvolvam ações preventivas sistemáticas, que ultrapassem campanhas pontuais e se consolidem como parte integrante do projeto político-pedagógico. Programas de inteligência emocional, rodas de conversa, práticas restaurativas e momentos de escuta qualificada são exemplos de estratégias citadas pelas profissionais como fundamentais para a construção de vínculos positivos e para a redução das situações de violência. Nesse sentido, a pesquisa reafirma que a atenção à saúde mental não deve ser entendida como algo isolado, mas como elemento estruturante da convivência escolar e do processo de aprendizagem.

Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação do estudo para incluir outros públicos, como professores, gestores e alunos, a fim de construir uma visão mais abrangente do fenômeno. A escuta dos estudantes, especialmente, pode revelar nuances importantes sobre a forma como percebem e vivenciam o bullying, contribuindo para estratégias de prevenção mais alinhadas às suas realidades. Além disso, investigações comparativas entre redes públicas e privadas podem oferecer novas perspectivas sobre as práticas institucionais de prevenção e enfrentamento, considerando as diferenças estruturais, organizacionais e culturais entre os contextos.

Outra possibilidade relevante seria o desenvolvimento de estudos longitudinais, que acompanhassem por um período prolongado os impactos das ações implementadas pelas escolas para o combate ao bullying. Esse tipo de investigação permitiria avaliar a eficácia das intervenções, identificar dificuldades recorrentes e compreender como determinadas práticas se consolidam ou se transformam ao longo do tempo.

Conclui-se que o combate ao bullying vai além da punição dos agressores: requer um compromisso ético e pedagógico com a formação humana e cidadã, fundamentada no diálogo, no respeito e na empatia, princípios que devem nortear toda prática educativa comprometida com a transformação social. A construção de uma escola verdadeiramente inclusiva e segura depende de ações coletivas e integradas, sustentadas por políticas públicas consistentes e pelo engajamento contínuo de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo. Ao reconhecer o bullying como um fenômeno complexo, que envolve dimensões emocionais, sociais e pedagógicas, a pesquisa reafirma a importância de uma educação que acolha, escute e promova relações saudáveis, contribuindo para o desenvolvimento pleno dos estudantes e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 dez. 2019.
- FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
- FONSECA, Kalita Luana Noronha da. BULLYING: a importância das intervenções metodológicas. Eventos Pedagógicos, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 321–329, 2024. DOI: 10.30681/rep.v15i2.12615.



- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2019: a escola e o bullying. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- LOPES NETO, Aramis Augusto. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. S164–S172, 2005.
- MALTA, Cláudia Pereira et al. Violência escolar entre estudantes brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, supl. 2, p. 3053–3063, 2010.
- MARTINS, Maria José. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 18, n. 1, p. 93–105, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLWEUS, Dan. *Bullying at School: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell Publishing, 1993.
- OLWEUS, Dan. School bullying: development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, v. 9, p. 751–780, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- PEREIRA, Beatriz. *Bullying nas escolas: estratégias de intervenção e prevenção*. São Paulo: Contexto, 2002.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido em: 20 de dezembro de 2025.

Aprovado em: 16 de janeiro de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/repr.v16i3.14741>

---

<sup>i</sup> Amanda de Souza Tedesque. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2025/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

*Curriculum Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/6151721639982967>

*ORCID*: <https://orcid.org/0009-0003-8997-8397>

*E-mail*: [amanda.tedesque@unemat.br](mailto:amanda.tedesque@unemat.br)